



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

05 DE AGOSTO  
CLUBE 12 DE AGOSTO  
FLORIANÓPOLIS-SC  
DISCURSO DURANTE ENCONTRO  
COM AS LIDERANÇAS POLÍTICAS DO  
ESTADO

Meus Senhores:

Eu desejo agradecer a oportunidade que o Governador Henrique Córdova e seus auxiliares me deram deste encontro com as lideranças políticas do Estado, na oportunidade em que praticamente iniciamos a nossa campanha eleitoral.

Eu tenho acompanhado, através de informações de meus auxiliares, através de informações do próprio Governo do Estado, a situação do nosso Partido no Estado. E sei bem das dificuldades e dos esforços que cada um de nós terá que fazer para que o resultado seja o resultado favorável ao nosso Partido. Apesar de tudo isso, apesar das dificuldades, apesar de saber que teremos pela frente uma campanha acirrada, uma campanha que poderá até partir para a rudeza de palavras e para a violência verbal, inclusive para ataques pessoais, apesar de tudo isto, eu tenho a certeza que o PDS será o vencedor. E tenho essa certeza porque conheço bem da capacidade de liderança de cada um dos Senhores. É bem

verdade que desta vez nós temos, como principal inimigo, a crise econômica que o Mundo atravessa e de que o País não escapa; as dificuldades de toda a natureza decorrentes dessa crise, tal como a inflação decorrente do custo-de-vida; as dificuldades de toda a natureza que os grandes centros, dia-a-dia, vêm sentindo, tal como habitação, transporte, emprego, alimentação, educação, saúde, decorrentes do acúmulo de população nas grandes cidades; tudo isso eu sei e eu sinto que o principal inimigo nosso vai ser o custo-de-vida. É naturalmente que eles vão — como já tenho repetido — dizer que o culpado é o Governo; é incompetência do Governo, é incompetência dos homens que estão no Planalto, é incompetência dos Ministérios. Mas, eu sei que os Senhores têm acompanhado a história econômica e política do País e saberão argumentar perante o eleitorado para explicar as razões dessa nossa situação. E bastará uma simples pergunta: Se amanhã eu tirar o Ministro Delfim Neto, o Ministro Ernane Galvêas e mais uns quatro ou cinco responsáveis — que eles dizem responsáveis por essa situação — a inflação vai baixar em seguida? O americano vai baixar os juros de 15% — já baixou de 18 para 15 em um ano e meio/dois anos, ele vai baixar para 10, para sete como era há oito anos atrás?

Eu pergunto: se os homens da Oposição forem para o Governo, o árabe vai vender o petróleo a dois dólares o barril, como vendia em 1971? Será que esses homens no Governo vão fazer a mágica de impedir que tenhamos que pagar todo o ano cerca de 10 bilhões de dólares pela importação de petróleo que temos que pagar para não parar o País? E cerca de 10 bilhões de dólares para o pagamento da dívida, quando as nossas exportações chegam apenas a 23 bilhões de dólares? Eu tenho certeza de que os Senhores terão argumentos suficientes para desfazer essa grande mentira de que há homens respon-

sáveis pela crise econômica por que passa o País. E eu diria: então o Mundo é todo de responsáveis e de incompetentes, porque a maior democracia do Mundo, a maior potência comercial do Mundo, que são os Estados Unidos, e que comercializa 300 bilhões de dólares por ano — trezentos bilhões de dólares comparativamente com os nossos 23 bilhões de dólares. E ela chegou a 13% de inflação. E para baixar a 6% temos que elevar os juros de 7 para 18%. E o Presidente Reagan me disse que essa era a única saída que ele tinha para consertar a casa. E eu pergunto: será que esses homens terão tanta influência junto aos grandes homens de negócio, finanças, ao mercado financeiro, para convencê-los de que os juros devem baixar a 7%?

Daí a minha confiança na vitória do Partido. É preciso que para cada caso que a Oposição ataque nós tenhamos a resposta certa, não resposta demagógica. E há alguns casos até que são muito fáceis porque a própria Oposição nos dá os argumentos de imediato para contrapor-se. Ainda anteontem eu vi uma declaração de um líder oposicionista dizendo que «este Governo não quer o bem do povo, tanto que não quer o bem do povo que está importando arroz», o que é um contrasenso. Muitas vezes o Governo é obrigado a importar o arroz para obrigar a baixar o preço interno do arroz, para aumentar o arroz à disposição do público, em consequência baixar. É claro que o produtor do arroz às vezes não gosta. Mas o consumidor gosta. Então o Governo tem num prato da balança o produtor; no outro prato da balança o consumidor. Se o Governo facilita o produtor e lhe dá o preço que ele pede, o preço que acha justo, dá-lhe todas as facilidades, o produto sairá caro. O consumidor vai reclamar do custo-de-vida. Se o Governo intervém no produtor e obriga a que ele não lucre tanto e tenha um preço mais razoável, o produtor não vai ficar

satisfeito. Se o Governo, como normalmente acontece, fica no meio termo, os dois ficam satisfeitos. Eu confesso que é difícil argumentar com produtores e consumidores. Mas, desde que o Mundo foi inventado por Deus que existem os que produzem e os que consomem. Antigamente, o comércio era feito por trocas comerciais — trocava-se batata por uma cabra. Hoje em dia é mais difícil, troca-se batata por ouro, por dólar, e dólar ninguém produz. A única maneira de produzir dólares é exportando. E para exportar eu tenho que facilitar o exportador, dar condições ao exportador para que ele tenha condições de entrar no mercado internacional. Ai vêm os Governos estrangeiros, as potências industrializadas e não aceitam os nossos produtos porque dizem que nós estamos protegendo os nossos produtos que se contrapõem com os seus. Não é fácil convencer. Mas eu tenho fé que os Senhores saberão, para cada caso específico, explicar ao eleitorado brasileiro, ao eleitorado de Santa Catarina, as razões de ser das nossas mazelas. E principalmente poder dizer «bom, isso não foi feito porisso, mas, em compensação, foi feito isso que vocês nunca fizeram, nunca se pensou em fazer». Ai está o que o Governo fez em comunicações, em estradas, em portos. A própria Previdência Social, que está dando um trabalho danado, começou com 8 milhões de brasileiros e hoje atende a 96 milhões e os recursos não cresceram na proporção necessária e porisso é que ela está nessa situação. Era muito fácil atender hoje 10 milhões de brasileiros com os recursos que temos. O desemprego é uma consequência da recessão econômica e esse desemprego não é só aqui; só no Mundo Ocidental, hoje, calcula-se entre 24 a 30 milhões de desempregados. Nos Estados Unidos, chegam a 3 milhões de desempregados; o Canadá, chega a 10% da população trabalhadora — e o Canadá tem apenas 24 milhões de habitantes por uma

superfície de 9,4 maior que a do Brasil e uma tecnologia muito mais avançada do que a nossa e está passando dificuldades. Tudo isso pode ser explicado ao povo.

Por outro lado, eu tenho a certeza também que os Senhores não se deixarão envolver pela rudeza da campanha. É preciso que tenhamos a cabeça fria (é fácil falar), mas é preciso que tenhamos a cabeça fria e tentar por todos os modos não perder a postura a fim de que não percamos também a razão. Fazer uma campanha em nível alto, respondendo às críticas de maneira altiva, já não digo responder no mesmo tom com que a Oposição possa fazê-lo, mas sem deixar a resposta devida para cada caso e resposta altiva, resposta de que ao voltarmos para casa possamos colocar a cabeça no travesseiro e não nos envergonharmos ou, em outras palavras: não vamos nos deixar intimidar pela rudeza da palavra e vamos escolher os adjetivos mais adequados ou menos rudes para responder.

Eu tenho a certeza de que os Senhores irão por esses rincões de Santa Catarina levar a palavra de esperança que eu tenho na nossa gente. E dizer que eu sei do sacrifício que o povo está passando. Sacrifícios que não são só nossos. Quando a Oposição diz que os níveis de inflação estão chegando a um nível insuportável, eu me lembro de países amigos que chegaram a 1.200% ao ano e outros agora que estão a cerca de 300% e não estão desesperançados. É preciso que o povo se convença de que não são só os produtores, os consumidores e o Governo, isoladamente, não é esta ou aquela classe que deve combater a inflação. É preciso que haja um consenso de toda a Nação. É preciso que cada brasileiro se convença de que a inflação só pode ser combatida com sacrifício e com sacrifício de todos. Cada um tem que se despojar de alguma coisa para vencer a inflação ou para pelo menos, se não vencê-la, diminuir os seus efeitos.

Eu espero muitas felicidades para cada um dos Senhores na campanha e vou acompanhá-los de perto nas suas andanças, nos seus dizeres, nas suas afirmações e quero crer que já a 16 de novembro eu tenha as primeiras notícias do resultado, da consequência do trabalho dos Senhores. A vitória está na nossa cabeça, na cabeça dos Senhores, na maneira de nós nos dirigirmos ao eleitorado e na certeza de que a razão está conosco.

Muito obrigado aos Senhores.